


VOZES, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE PARINTINS: A TRADIÇÃO ORAL COMO FONTE DOS SABERES AMAZONENSES

VOICES, STORIES, AND MEMORIES OF PARINTINS: ORAL TRADITION AS A SOURCE OF AMAZONIAN KNOWLEDGE

VOCES, HISTORIAS Y RECUERDOS DE PARINTINS: LA TRADICIÓN ORAL COMO FUENTE DEL CONOCIMIENTO AMAZÓNICO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n11-227>

Data de submissão: 10/10/2025

Data de publicação: 19/11/2025

Aline de Oliveira Barroso

Licenciada em Pedagogia

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

E-mail: 105lilimorais@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-3763-1490>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8781729938353173>

Kézia Siméia Barbosa da Silva Martins

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

E-mail: keziasimeia@ufam.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2517-220X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9887743290929524>

Maria Eliane de Oliveira Vasconcelos

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

E-mail: mariaeov@ufam.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4249-7142>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8874787175007937>

Maria Valcirlene de Souza Bruce

Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

E-mail: mariavalcirlene@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-5127-4732>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5006848981446023>

RESUMO

Esta pesquisa investiga os contos de tradição oral e os saberes culturais do município de Parintins, Amazonas (AM), cuja relevância cultural e histórica é, por vezes, silenciada ou esquecida com o passar do tempo. Esses saberes manifestam-se em narrativas, vivências e explicações que compõem o universo amazônico, protagonizados nesta pesquisa, por moradores locais. Assim, estabeleceram-se como objetivos investigar os contos de tradição oral, registrando as memórias e os saberes culturais dos moradores de Parintins (AM), com o intuito de: a) escutar e registrar as vozes e memórias desses moradores, valorizando os contos de tradição oral; b) evidenciar os saberes tradicionais, as histórias e

as memórias transmitidas por meio das narrativas orais; e c) analisar a contribuição dos conteúdos que compõem os contos de tradição oral para as reflexões, vivências e explicações dos saberes amazonenses. Para tanto, delineou-se um percurso metodológico fundamentado em uma pesquisa qualitativa, tendo como base a metodologia da História Oral. A pesquisa de campo foi realizada em seis bairros tradicionais e antigos do município de Parintins, por meio de entrevistas com dez moradores. O estudo suscitou reflexões teóricas, registros de narrativas orais e análises das ricas experiências vivenciadas nos encontros com os moradores — protagonistas desta investigação — cujos saberes compartilhados despertaram novos olhares e leituras sobre o imaginário, os mitos, as lendas, a fé, as crenças, os grupos étnicos e a vida em comunidade.

Palavras-chave: Histórias e Memórias. Contos de Tradição Oral. Saberes Amazonenses. Parintins.

ABSTRACT

This research investigates the oral tradition tales and cultural knowledge of the municipality of Parintins, Amazonas (AM), whose cultural and historical relevance is sometimes silenced or forgotten over time. This knowledge manifests itself in narratives, experiences, and explanations that make up the Amazonian universe, protagonized in this research by local residents. Thus, the objectives were established to investigate oral tradition tales, recording the memories and cultural knowledge of the residents of Parintins (AM), with the aim of: a) listening to and recording the voices and memories of these residents, valuing oral tradition tales; b) highlight the traditional knowledge, stories, and memories transmitted through oral narratives; and c) analyze the contribution of the content that makes up the oral tradition tales to the reflections, experiences, and explanations of Amazonian knowledge. To this end, a methodological approach based on qualitative research was outlined, based on the Oral History methodology. Field research was conducted in six traditional and old neighborhoods in the municipality of Parintins, through interviews with ten residents. The study gave rise to theoretical reflections, records of oral narratives, and analyses of the rich experiences encountered in meetings with residents.

Keywords: Stories and Memories. Oral Tradition Tales. Amazonian Knowledge. Parintins.

RESUMEN

Esta investigación analiza los cuentos de tradición oral y los saberes culturales del municipio de Parintins, Amazonas (AM), cuya relevancia cultural e histórica, en ocasiones, es silenciada u olvidada con el paso del tiempo. Estos saberes se manifiestan en narrativas, vivencias y explicaciones que conforman el universo amazónico, protagonizados en esta investigación por habitantes locales. Así, se establecieron como objetivos investigar los cuentos de tradición oral, registrando las memorias y los saberes culturales de los moradores de Parintins (AM), con el propósito de: a) escuchar y registrar las voces y memorias de estos habitantes, valorizando los cuentos de tradición oral; b) evidenciar los saberes tradicionales, las historias y las memorias transmitidas por medio de las narrativas orales; y c) analizar la contribución de los contenidos que conforman los cuentos de tradición oral para las reflexiones, vivencias y explicaciones de los saberes amazónicos. Para ello, se definió un recorrido metodológico basado en una investigación cualitativa, teniendo como fundamento la metodología de la Historia Oral. El trabajo de campo se realizó en seis barrios tradicionales y antiguos del municipio de Parintins, mediante entrevistas con diez moradores. El estudio suscitó reflexiones teóricas, registros de narrativas orales y análisis de las ricas experiencias vividas en los encuentros con los habitantes — protagonistas de esta investigación— cuyos saberes compartidos despertaron nuevas miradas y lecturas sobre el imaginario, los mitos, las leyendas, la fe, las creencias, los grupos étnicos y la vida en comunidad.

Palabras clave: Historias y Recuerdos. Cuentos de Tradición Oral. Conocimientos Amazónicos. Parintins.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo teve sua origem como projeto de Iniciação Científica, financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/FAPEAM (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas), formalmente vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Territorialidades Amazônicas (CANOA). Posteriormente, foi expandido e consolidado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), curso de Pedagogia, permitindo a inserção de novos elementos de pesquisa e um aprofundamento teórico-empírico. O cerne da pesquisa reside na abordagem das tradições dos contos orais, cuja relevância cultural e histórica é, por vezes, marginalizada ou esquecida pela passagem do tempo. Tais saberes serão expressos em narrativas, vivências e explicações que compõem o universo amazônico, protagonizados por moradores do município de Parintins (AM).

Thompson (2002) destaca que a história oral contribui para o resgate de memórias, além de ser uma importante fonte de pesquisa em diversas áreas, ressaltando e preservando a memória e as evidências de fatos históricos. Portanto, este estudo justifica-se pelos diálogos com essas tradições, cujas fontes compartilham a realidade por meio de registros que visam cultivar os saberes tradicionais, despertar sensibilidades e resgatar emoções perdidas ou esquecidas nas memórias daqueles que contam e dos que ouvem. Evidenciar essas vozes e experiências, que provocam a imaginação coletiva e individual, atribuiu-nos um profundo sentimento de pertencimento cultural.

Foram traçados os objetivos do estudo, de modo geral, investigar os contos de tradição oral, registrando memórias e saberes culturais de moradores do município de Parintins (AM), com o intuito de: a) escutar e registrar as vozes e memórias desses moradores, valorizando os contos de tradição oral; b) evidenciar os saberes tradicionais, as histórias e as memórias por meio das narrativas orais; e c) analisar a contribuição dos conteúdos que compõem os contos de tradição oral para as reflexões, vivências e explicações dos saberes no contexto amazônico.

A primeira etapa consistiu em levantamentos e estudos bibliográficos que abordaram os conceitos centrais da pesquisa. Os fundamentos teóricos foram embasados em Busatto (2012), Thompson (2002), Benjamin (1987), Estés (1998), Le Goff (1994), Halbwachs (1968), Bosi (1994), Loureiro (2003) e Barbosa (2011). A segunda etapa correspondeu à pesquisa de campo, na qual foram estabelecidos critérios para a seleção dos participantes que contribuíram para o alcance dos objetivos propostos. A metodologia da História Oral foi empregada para compreender os sujeitos por meio da escuta e do registro de suas falas, sendo as entrevistas o principal instrumento de coleta e produção dos dados.

Para isso, delineou-se um caminho metodológico fundamentado em uma pesquisa de abordagem qualitativa, que permite o contato direto com os sujeitos, o ambiente e a situação pesquisada (Lüdke; André, 1986), bem como na metodologia da História Oral (Meihy, 2005). Foi desenvolvida a pesquisa empírica em seis bairros tradicionais e antigos do município de Parintins, utilizando as técnicas do diário de campo e da entrevista de história oral com dez (10) moradores, sendo cinco (5) deles residentes nos bairros mais antigos e tradicionais da cidade.

Dessa forma, o estudo direciona seus esforços para suscitar memórias e narrativas sensíveis que marcaram — e continuam a marcar — o tempo e as histórias dos moradores locais, seus territórios, suas produções culturais e seus múltiplos saberes. Os tópicos que compõem este trabalho apresentam reflexões teóricas, narrativas e análises das ricas experiências vivenciadas nos encontros com os moradores — protagonistas da pesquisa —, cujos saberes compartilhados despertaram novos olhares e leituras sobre o imaginário, os mitos, as lendas, a fé, as crenças, os grupos étnicos e a vida em comunidade.

2 CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL, MEMÓRIAS E SABERES: REFLEXÕES E APONTAMENTOS TEÓRICOS.

O ser humano possui a capacidade de transmitir conhecimentos que os registros escritos não são capazes de abarcar, pois estão presentes na memória e no imaginário. Assim, o sujeito histórico compreende seu lugar no mundo e, graças a esse ciclo de sucessão oral, os contos de tradição oral, as crenças, os conhecimentos e os saberes permanecem vivos. Delgado (2006, p. 9) ressalta que a memória “[...] é uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”.

Dessa forma, as culturas são preservadas ao longo das gerações, permitindo que sua transmissão ocorra por meio das narrativas orais, remetendo à arte de contar e ouvir histórias, as quais, segundo Estés (1998, p. 17), “podem ensinar, corrigir erros, aliviar o coração e a escuridão, proporcionar abrigo psíquico, auxiliar a transformação e curar ferimentos”. Os contos de tradição oral são frutos da ancestralidade, entrelaçados com as experiências do cotidiano e fortalecidos pela capacidade de transmissão e preservação de saberes. A tradição oral caracteriza-se pelo testemunho transmitido de forma verbal de uma geração a outra, configurando-se como um dos pilares que sustentam os valores e as crenças legados pela tradição.

Segundo Barbosa (2011), essas formas de expressão constituem parte da identidade cultural de um povo e têm sido mantidas apesar das transformações sofridas no tempo e no espaço. Muitas vezes encontramos variantes de uma mesma manifestação, dependendo da região e da época. Nos gêneros orais — como provérbios, cantigas, orações e histórias (contos de ensinamento, fábulas, lendas, mitos,

paródias etc.) — a voz é presença, criação momentânea, encarregada de transmitir valores de geração em geração. Ela representa uma tradição e, como tal, preserva traços específicos próprios dessa herança cultural. A voz transmite sentimentos, ideias e emoções.

Thompson (2002) destaca a história oral como a primeira forma de história, salientando a relação entre história e comunidade como uma troca de informações e interpretações. A história de pessoas idosas, em especial, fornece informações valiosas para as gerações mais jovens, sendo transmitida nas reuniões familiares e nos grupos sociais e comunitários. É nesses momentos que ocorre o compartilhamento e a troca recíproca de conhecimentos, tanto de modo individual quanto coletivo.

Segundo Estés (1998, p. 17), “as histórias que vêm à tona no grupo vão se tornando, ao longo do tempo, tanto extremamente pessoais quanto eternas, pois assumem vida própria quando são repetidas muitas vezes”. Os conhecimentos que constituem a tradição oral exercitam a memória dos sujeitos. É relevante o volume de informações e experiências vividas e repassadas pelos antepassados que as memórias carregam. Para Costa *et al.* (2016, p. 136), “[...] exercitar a própria mente ou memória constitui-se em importante aprendizado [...]”. Nesse sentido, destaca-se a força das narrativas para o desenvolvimento humano e suas relações com o mundo, evidenciando a relevância da memória.

Benjamin (1987), autor de referência ao tratar das narrativas orais tradicionais, ressalta que a narrativa é uma forma de preservação dos conhecimentos adquiridos por meio das experiências de vida — experiências que passam de pessoa a pessoa, recorrendo a diversos narradores. Por isso, a escrita das narrativas orais não é suficiente para descrever todas as informações e detalhes encontrados na oralidade.

Thompson (2002) observa que as evidências das narrativas orais são de natureza particular, constituídas de experiências e relações sociais. O autor enfatiza que toda história possui uma finalidade e que, no passado, essa transmissão se dava pela tradição de uma geração a outra. Além disso, destaca que, por meio das histórias, as pessoas compreendem as visões e mudanças que justificam seu cotidiano, e que, por meio da história familiar ou local, é possível estimular um forte sentimento de pertencimento.

Nesse sentido:

A utilização de histórias orais é uma prática comum às sociedades de todas as épocas e lugares, de forma ritualizada ou no cotidiano, e atende a múltiplas funções essenciais à vida numa cultura: a comunicação, a explicação de motivações para comportamentos e de causas para as coisas, a persuasão, a criação de versões para acontecimentos, o entretenimento, a construção de mundos e situações possíveis. (Smith; Sperb, 2007, p. 556).

Daí a importância dessas histórias, por seu caráter múltiplo e essencial à vida humana. São vozes e narrativas que comunicam, explicam histórias, tempos, espaços, comportamentos, trajetórias e conquistas, criando versões que identificam culturalmente os diferentes grupos sociais. Constroem pontes entre saberes, memórias e identidades.

Benjamin (1987) considera que os contos de tradição oral estão em vias de desaparecimento na contemporaneidade, em razão do surgimento de novas tecnologias midiáticas, que acabam se tornando prioridade na vida das pessoas, reduzindo a frequência de reuniões voltadas ao compartilhamento de histórias tradicionais. Dessa forma, as narrativas perdem sua força, pois os jovens tendem a não atribuir importância às experiências dos mais velhos. Segundo o autor, no momento em que a experiência coletiva se perde e a tradição comum já não oferece base segura, outras formas narrativas tornam-se predominantes.

Bosi (1994) reflete sobre a perda da essência da transmissão oral tradicional, que causa o empobrecimento da arte do imaginário, das influências e riquezas simbólicas geradas e atribuídas pelos contos orais, bem como das identidades e pertencimentos culturais dos grupos. Ressalta que a sociedade possui guardiões da memória — os mais velhos —, pois são eles que detêm as lembranças dos acontecimentos passados e podem fornecer informações significativas para a compreensão da sociedade atual. A autora aponta uma problemática na geração mais jovem, cujo ritmo de vida moderna não proporciona tempo para refletir sobre as memórias do passado.

É necessário potencializar essas vozes esquecidas, valorizando-as, pois, quando isso não ocorre, instala-se um esvaziamento e empobrecimento da sociedade contemporânea. Chauí (1995) descreve que a sociedade atual não permite o registro duradouro das memórias, ressaltando que o diálogo com esses guardiões se torna uma verdadeira obra de arte, já que envelhecer, nos tempos modernos, constitui um ato de resistência. Segundo Bosi (1994, p. 68), “a lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada”.

Portanto, abordar as histórias e memórias contidas nos contos de tradição oral é colocar em evidência leituras e análises teóricas nesse campo acadêmico; é dar voz, espaço e lugar a esse debate, demarcando a relevância que ele possui.

3 SABERES AMAZÔNICOS E OS CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL: PRESENTES NAS/DAS MEMÓRIAS DOS SUJEITOS AMAZONENSES.

Pensar a diversidade dos saberes da região amazônica, especialmente do homem e da mulher amazonense, é compreender que existem experiências vivas sobre as quais não há fontes documentais capazes de registrar plenamente. É relevante, portanto, ouvir as histórias e registrar as memórias

daqueles que habitam os espaços do cotidiano amazônico, que conhecem os chãos, as matas, as formas de vida mais longínquas e vívidas, como:

Conhecimento dos rios [...] Aproveitamento das várzeas dos rios [...] [...] Convivência com regimes das enchentes [...] Práticas agrícolas dos roçados de mandioca [...] caça e identificação de animais silvestres para fins alimentares [...] Pesca e identificação das principais espécies [...] Artesanato [...] Culinária [...] Plantas e ervas medicinais [...] Hábitos alimentares [...] Revelação de lendas, mitos, crenças, credences e histórias. (Benchimol, 2009, p. 26).

Tais conhecimentos compreendem múltiplos modos de viver. Por isso, é significativo reconhecer esses sujeitos e dar voz a eles para compartilhar histórias de diferentes tempos e culturas, evidenciando experiências, cenários, crenças e modos de vida, pois a construção da memória coletiva se dá a partir da relação com outros sujeitos.

Para Le Goff (1994), a durabilidade das informações presentes nas memórias dos indivíduos, possibilitada pela narrativa, representa o ato da tradição oral, em que o indivíduo interpreta e transmite suas experiências, gerando variações nas narrativas, nos saberes e nos fazeres.

A modernidade e o conjunto de transformações sociais refletem certas perdas e mudanças de valores. Serres (2003) reafirma que as relações do tempo presente são distintas das gerações anteriores, pois as transformações sociais e tecnológicas alteraram também os valores e as dinâmicas das comunidades. O avanço tecnológico, embora conecte as pessoas por meio das mídias sociais, tem causado distanciamento e descaso em relação aos valores e costumes dos mais velhos, às narrativas orais e aos contos de tradição oral — muitas vezes considerados ultrapassados ou fora de moda.

De acordo com Bauman (1998), vivemos em uma época em que o individualismo é priorizado, provocando o desaparecimento de diversos elementos, como os fundamentos éticos do senso comum. Tais situações manifestam-se nos indivíduos por meio de sentimentos de saudade e nostalgia. Ainda assim, as memórias que armazenam recordações, costumes, contos, saberes orais e valores — mesmo quando não registradas em papel — resistem ao tempo e são transmitidas orgulhosamente pelos mais velhos. Essas identidades, como afirma Hall (1997, p. 26), “[...] são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas, identidades formadas culturalmente”.

Todavia, ainda existem saberes presentes nos contos orais e nas memórias que transcendem a lógica, relacionados aos saberes da floresta, da terra, da água, dos animais e das tradições medicinais. O uso dos recursos naturais, como destaca Witkoski (2007, p. 268), revela que, “utilizando-se da floresta de terra firme e da floresta de várzea como territórios biológicos distintos, os moradores amazônicos possuem, verdadeira e simbolicamente, uma farmácia viva no meio da floresta

amazônica”. O conhecimento tradicional relacionado ao tratamento de doenças remete aos saberes amazônicos, pois os habitantes mais antigos fazem uso preferencial dessas receitas, transmitidas por gerações.

Contudo, não se pretende estabelecer uma visão romântica ou ingênua da realidade desses sujeitos. A fonte de grandeza, rica em saberes, está marcada nas expressões físicas — nas mãos calejadas, nas rugas e nos olhos cansados —, resultantes do manejo e plantio da terra, da vida diária, da pesca noturna, das caçadas e da movimentação pelos rios. Há um profundo sentimento de respeito dos sujeitos amazônicos em relação à “Mãe Terra”, o que remete à afetividade e ao entendimento da comunhão com esse lugar. Paes Loureiro (2003, p. 8) descreve:

Rica de plasticidade e inocente magia, a natureza amazônica se revela como pertencente a uma idade mítica, plena de liberdade e energia telúrica. Situa-se em tempo cósmico no qual tudo brota como nas fontes primevas da criação: a mata, os rios, as aves, os peixes, os animais, o homem, o mito, os deuses. É nesse contexto que o imaginário estabelece uma comunhão com o maravilhoso, tornando-se propiciador de epifanias. Sob o sfumato do devaneio fecundado pela contemplação do rio e da floresta, olhando o horizonte das águas que lhe parece como a linha que demarca o eterno, o homem da Amazônia foi dominando a natureza enquanto ia sendo dominado por ela.

Para Lévi-Strauss (1978), esses conhecimentos e saberes amazônicos são suficientes para a sobrevivência por meio da manipulação dos elementos disponíveis ao redor. O autor afirma que “os povos sem escrita têm conhecimento espantosamente exato do seu meio e de todos os seus recursos” (p. 24). Assim, os povos sem escrita que nasceram e cresceram na região amazônica possuem familiaridade com os meios de sobrevivência, mediada pelos elementos da natureza e pelos saberes transmitidos nos contos de tradição oral.

O processo de produção de saberes — como a fabricação da farinha, a manipulação de remédios caseiros, a pesca, o plantio agrícola, bem como a partilha de contos, lendas, mitos e histórias de visagens — possibilita o diálogo entre diversos conhecimentos e práticas. Esses saberes cultivam costumes, perpetuam modos de vida e valores por várias gerações.

Os saberes amazônicos e os contos de tradição, assim como os mitos e lendas, servem como explicação da vida, mergulhando no mundo místico e funcionando como ferramenta de ligação entre tempos históricos, pois são, como afirma Bosi (1994, p. 18), “a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”.

Tais saberes refletem condutas, comportamentos, crenças e rituais preservados que reforçam o sentimento de pertencimento cultural. Esses elementos estão marcados nas memórias dos sujeitos e dos povos que contribuem para o patrimônio cultural herdado — um patrimônio que nem sempre está registrado em livros, mas “na linha ribanceira, entre o rio e a floresta, estão os arquivos da vida

amazônica. É uma verdadeira escola do olhar. Uma pedagogia da contemplação. Um aprender a aprender olhar. O olhar que experimenta a vertigem de uma alma errante” (Loureiro, 2003, p. 25).

Nessa perspectiva, Joaquim Barbosa (2011) mergulha nas narrativas orais que partem das vozes da experiência e as evidenciam. São relatos que não se limitam a contar, mas a saber contar. As narrativas orais envolvem personagens místicos que habitam as matas e florestas amazônicas — lugares em que os mistérios da Amazônia e do mundo se encontram: “uma viagem que não precisa levar a nenhuma parte. À margem do rio não exige lógica para ser coerente” (Loureiro, 2003, p. 24). Além disso, essas narrativas expressam sabedoria e transformam-se em conselhos para a vida.

Benjamin (1987) ressalta que as narrativas permitem ao ouvinte perceber a dinâmica das matas, das florestas e das práticas cotidianas. Com o anseio de ouvir histórias do imaginário amazônico, o autor foi ao encontro dos contadores de histórias orais — farinheiros, seringueiros, pescadores, entre outros moradores idosos com mais de sessenta anos. A esses homens e mulheres, Benjamin atribui o papel de **contadores de histórias**. O autor tornou-se ouvinte desses narradores ao cair da noite, enquanto limpavam a mandioca — histórias não apenas guardadas na memória, mas também no coração. Nessas narrativas, é possível contemplar a riqueza e a grandeza da Amazônia, presentes na oralidade.

Eis aqui o cerne desta reflexão: olhar, dar luz e ouvir os dizeres, saberes e memórias de pessoas que nos mantêm vivos enquanto sujeitos amazonenses, construtores de múltiplas, diversas e singulares histórias.

4 MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E SAUDADES: CONTE UM POUCO “SEU MANEL!”

Neste tópico são descritos os resultados dos diálogos compartilhados com os moradores que dividiram histórias e memórias sensivelmente ligadas à saudade, a lembranças marcantes e recordações familiares — principalmente aquelas que remetem à infância. Vozes e expressões, em vários momentos, misturavam-se à melancolia, ao riso contido, ao aperto de mãos, ao olhar curioso, ao falar acanhado ou desinibido, e às muitas saudades de pessoas, dos cheiros, das comidas, dos tempos e épocas.

Os encontros com os moradores ocorreram no conforto de seus lares, o que proporcionou um diálogo mais espontâneo e tranquilo. A experiência foi marcante: cada encontro, cada conversa — sob a sombra de uma árvore, no quintal, enquanto se tecia uma malhadeira, vendiam-se pastéis, lia-se ou estudava-se a Bíblia na varanda ou no sítio — revelava afetos e memórias profundas. Em um desses momentos, uma moradora relatou que escolheu viver em um sítio em Parintins por causa da saudade

de casa e da infância, pois gostava do clima entre as árvores e o canto dos pássaros — o mais próximo que conseguia chegar de “matar a saudade”.

Os relatos despertaram emoções, aprendizagens, conhecimentos ricos e múltiplos saberes. Durante os diálogos, foi perceptível o sentimento de nostalgia presente nas memórias — pano de fundo da rica experiência de vida dos sujeitos que buscaram transmitir os conhecimentos adquiridos.

Você sabe que a gente tem saudade? Quando o pai da gente morre sente uma coisa que aquele amor nunca acaba [...] parece que ainda está aqui cuidando da gente. [...] meu pai era muito pobrezinho com a minha mãe, nossa casa era de palha, tem dias que eu choro por causa da minha mãe e meu pai. (*Dona Selma, 68 anos, moradora do bairro Nossa Senhora de Nazaré*)

A gente sente saudade de muita coisa... a gente brincava muito aqui na praça de São Benedito, [...] brincava muito de queimada, jogar bola, e essa igreja que tem aqui era pequena. (*Dona Meuri, 61 anos, moradora do bairro São Benedito*)

[...] tinha uma praia que nascia no período de seca, o pessoal ia jogar bola aí nós saímos de casa cedo, quase no escuro, conseguimos uma **canoa**¹ grande, cada um pegou um pedaço de tábua e remamos, remamos, remamos, levamos bola, levamos pão pra comer, a gente esqueceu do horário, né, aí quando deu horário já escurecendo chegamos em casa, meu pai procurando a gente [...] pois fomos muito assim criado na obediência, tinha hora de chegar em casa, tinha que dizer pra onde ia, na hora que saía, tomar café, na hora que chegar tomar a benção, então era muito diferente de hoje (*Seu Eude, 75 anos, morador de Parintins desde seu nascimento*).

Nos trechos nota-se o sentimento de saudade, especialmente em relação à infância feliz e simples. Ao contarem, os participantes relembavam e reviviam memórias da infância, da família, dos lugares e da alimentação natural e saudável. Recordaram também os modos de vida, os costumes, o respeito aos mais velhos e a autoridade que estes possuíam sobre os mais novos. As brincadeiras de rua, a escola, os estudos e até os elementos históricos da cidade de Parintins marcaram as narrativas.

Ao vim a Parintins, deixava uma carta aqui por um mês, pra receber a resposta no outro mês, por 45 dias e esperava, não havia celular, telefone, nem rádio, nem televisão, daí hoje em dia a evolução, evoluiu muito e é diferente, quando chega o pai, a esposa em casa tudo fica no celular e a educação na época era difícil, não tinha geladeira, a comida era tudo salgada mas tinha saúde, minha mãe morreu com 80 anos, não usava óculos e costurava muito bem, hoje em dia a pessoa com colesterol, pressão alta, com diabetes, perda de visão, tantas pessoas. E o respeito que tinha na época... hoje não tem mais, mesmo na frente do pai e mãe [...]. (*Seu Manel, 60 anos, morador do bairro Francesa*)

A educação para os filhos antigamente era bem rígido, a gente tinha que obedecer mesmo, e se seu pai olhava, já sabia que o negócio ia pegar se a gente não obedecesse. Hoje não, hoje a gente olha, faz careta de todo jeito e a criança não obedece. (*Dona Maridélia, 60 anos, moradora da Avenida Amazonas*)

Durante as falas, os sentimentos afloravam: a voz embargada, as expressões faciais, o brilho nos olhos, o choro e o riso misturavam-se à nostalgia e à melancolia de um tempo que não voltará. O

¹ Embarcação a remo, esculpida no tronco de uma árvore.

lamento pelas distâncias — sejam elas geracionais ou impostas pelas tecnologias — tornava-se evidente. Busatto (2012) afirma que contar histórias permite uma aproximação e interação entre narrador e ouvinte: “[...] ao contar, doamos o nosso afeto, a nossa experiência de vida, abrimos o peito e compactuamos com o que se torna fundamental: que haja uma identificação entre o narrador e o conto narrado”.

Benjamin (1987, p. 10) salienta que “[...] a arte de contar torna-se cada vez mais rara porque ela parte, fundamentalmente, da transmissão de uma experiência do sentido pleno, cujas condições de realização já não existem na sociedade capitalista moderna”. Para o autor, a modernidade está em decadência pela perda da oralidade, que é o momento de compartilhamento de experiências e valores. “O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção” (Benjamin, 1987, p. 200).

Algo marcante nas histórias orais foi o tom saudoso das lembranças da infância: as brincadeiras de rua com os amigos, sem medo dos perigos ou das doenças; os inventos e peraltices presentes nas memórias; a percepção de que, segundo os narradores, “vivia-se mais intensamente do que a geração atual”. Por isso, “conte um pouco, Seu Manel!” — exponha suas lembranças, memórias e saudades. A memória, por sua vez, alimenta a história e procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro (Le Goff, 1994).

Vale destacar os estudos de Nascimento e Menandro (2005) sobre memória social e saudade. Os autores afirmam que o sentimento saudoso não é, por princípio, escapista. Mais do que uma fuga para um passado idealizado, ele permite ao sujeito, por meio da comparação entre passado e presente, avaliar qualitativamente a própria história. Tampouco é essencialmente conformista: a crença em uma situação mais satisfatória — ainda que localizada no passado, como a saudade da infância — sustenta a possibilidade de um futuro, se não tão satisfatório quanto, ao menos próximo de um grau de satisfação anterior.

É preciso, entretanto, reconhecer que o conteúdo da memória é também palco de divergências entre grupos e sujeitos. No caso específico da lembrança saudosa, os conteúdos se integram sob “a percepção individual de privacidade das lembranças”, aliada à “partilha social do sentimento”: “*saudades do meu tempo de menino, da minha terra*”. Talvez essa seja uma das principais características que unem a multiplicidade de sentidos cotidianos da palavra saudade.

Em síntese, abordamos aqui memórias entrelaçadas às saudades e aos atos de recordação que o exercício de contar histórias desperta. As histórias vividas, as trajetórias, as formas de sobrevivência

e de trabalho, as memórias afetivas — tudo isso é reintegrado quando possibilitamos a presença dessas experiências pela escuta sensível e humana, nos encontros e no olhar atento às histórias partilhadas.

5 HISTÓRIAS DE VISAGEM, APARIÇÕES E CRENÇAS DO COTIDIANO AMAZONENSE: DÁ LICENÇA PARA EU “ENCANTAR!”

Neste tópico serão abordadas as histórias “encantadas” contidas nas falas dos moradores entrevistados. As narrativas apresentadas pelos contadores foram envolventes e marcantes, especialmente no que se refere às lendas, mitos e crenças religiosas, retratando a diversidade das tradições orais que constituem o contexto amazonense. A expressão do olhar, a tonalidade da voz, a gesticulação das mãos e a veracidade das histórias — frequentemente enfatizadas com a afirmação: “É verdade, aconteceu comigo!” — contribuíram para uma interação mais intensa e para a socialização dos saberes, permeada por emoções e sentimentos vívidos.

As narrativas orais descritas são consideradas e afirmadas pelos moradores como verdades, levadas a sério e incorporadas ao cotidiano de suas vidas e histórias. Observa-se, nos relatos, a presença de histórias de visagens e aparições, crenças, credices, mitologias e imaginários que integram o universo dos contos de tradição oral.

[...] aí apareceu o calça molhada, toda noite passava lá com água ainda na bota, ele é um boto que andava de noite querendo namorar com a menina só que não tinha coragem, aí ele ia atrás das menina que menstruaram [...] ele vinha das seis e meia pras sete hora, passava rente da casa, aí a gente rezava, tinha que rezar pra ele não entrar, fazer a fumaça de casca de alho, de cebola. (*Seu Manel, 60 anos, morador do bairro Francesa, nasceu na comunidade de São Pedro do Marajó*)

Tem o **curupira**², ela faz judiação, a natureza é deles né, pertence a eles, aí quando o caboco passa pelo território dela aí começa **judiar**³ né, aí a pessoa rodia e rodia e dá no mesmo local, rodia e rodia dá no mesmo local. Pra sair, a pessoa tece uma palha, aí a pessoa vai de costa e joga aquela palha, aí depois a Curupira quer desenrolar aquilo, né? ela não sabe e aí a pessoa consegue sair do local, a curupira se distrai com aquilo (*Seu Ney, 61 anos, morador de Parintins desde os 9 anos de idade, veio da comunidade Praia do Mocambo*).

Aí eu levantei, peguei, apaguei a lamparina, aí quando nós viemos vi a cobra, Nossa senhora, aquelas duas tochas de fogo assim, mas ela só fazia passar assim, dava lá voltava lá, passava mais na beira aí ela vinha embora (*Dona Teca, 74 anos, nasceu na comunidade da Águia*).

Percebe-se nas narrativas — por meio da tonalidade da voz, das expressões faciais, da gesticulação e da convicção — o trânsito entre a realidade e a imaginação proporcionado pelas histórias orais. Busatto (2003, p. 59) salienta que “[...] contar histórias pode ser fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e [...] se espalham por todos os sentidos, devaneando, gatiando,

² Ser fantástico que, segundo a crença popular, habita as florestas e é o protetor das plantas e dos animais.

³ Ato ou efeito de judiar, maldade, perversidade.

até chegar ao imaginário [...]”. Durante a contação dessas histórias, é impossível não se encantar, pois a forma como foram narradas permite-nos viajar pelas tramas, identificando-nos com as histórias enquanto amazonenses. Os sentimentos e emoções presentes nas narrativas orais transcendem o imaginário e tornam-se parte da realidade.

Mais uma vez, a memória se revela como grande contribuinte para a transmissão das tradições, saberes, valores, ritos e costumes, continuamente interligados às experiências de vida, aos sentimentos de identidade e pertencimento cultural. Delgado (2003, p. 14) explica que “tempo e espaço têm na memória sua salvação [...] ambos são esteios das identidades. São suportes do ser no mundo. São referenciais que tornam os homens sujeitos de seu tempo”.

Apoiando-se nas ideias de Bachelard (2009) sobre o processo de imaginação e criação, encontram-se nas vivências particulares do indivíduo as expressões de sua visão de mundo, tanto interior quanto exterior. Nesse sentido, a imaginação criadora manifesta-se como inspiração, possibilitando o surgimento de símbolos na realidade. As histórias, os contos de encantamento e os mitos são manifestações favorecidas pelo cenário dos rios, das matas, das pescas noturnas e das caçadas — elementos que iluminam os imaginários, os símbolos, as interações e as subjetividades em relação ao mundo ao nosso redor.

Tinha minha irmã, ela gostava muito de pescar quando tava grávida, mesmo grávida não arregava pra dificuldade né, e engatava tracajá na malhadeira e pra não estragar a malhadeira ela cortava a garganta do tracajá, e quando a criança nasceu, nasceu sem esse sininho da garganta, ele nasceu sem [...] (*Dona Lena, 61 anos, moradora de Parintins desde os 24 anos de idade, veio da comunidade de São Francisco*).

Papai lambava malhadeira lá com cipó alho, pra espantar a **panemice**⁴ da malhadeira, né, aí a pessoa lamba a malhadeira, a pessoa corta aquele galho e lamba malhadeira pra ela pegar o peixe, é verdade, acontece e funciona porque o papai fazia isso [...] (*Seu Ney, 61 anos, morador de Parintins desde os 9 anos de idade, veio da comunidade Praia do Mocambo*).

E gente acredita nos espírito né, de espírito do mato, da água, meu cunhado foi pescar uma vez, ele foi sozinho e tarde da noite, tavam tudo com fome e ele foi, e ele entrou tipo num garapé sabe, que tem aquelas raízes grande de árvore, ele entrou né, e foi devagarzinho, mas não chegava no fim e foi entrando mais e ele desconfiou, ele foi recuando pra trás, que quando ele percebeu alguma coisa puxava a canoa dele de volta, foi aquele desespero, depois ele sentiu um cheiro bem forte, nunca sentiu antes e que quando ele conseguiu voltar, era dor de cabeça, dor de cabeça que não parava, foi reza, banho, oração, até que depois de dias ele melhorou mas ele nunca voltou pra lá, pra pescar, aí minha irmã diz que foi bicho do mato, que ele não pediu permissão pra entrar lá (*Dona Lena, 61 anos, moradora de Parintins desde os 24 anos de idade, veio da comunidade de São Francisco*).

Compreende-se a forte relação comunitária e o respeito pela natureza, evidenciado na interação com as plantas utilizadas na preparação de banhos, ervas e chás para o tratamento de doenças, bem

⁴ De pouca sorte.

como nas rezas destinadas a espantar os “maus olhares” e a má sorte. Destaca-se, ainda, a profunda crença na ligação e na interação com a “Mãe Terra”. Segundo Loureiro (2003, p. 21), “na sociedade amazônica é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o homem se afirma no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo”.

Esse conjunto de comportamentos e crenças contribui para manter a vida comunitária em equilíbrio. Quando as regras da natureza são desrespeitadas, acredita-se que os seres místicos — guardiões de seus territórios — atormentam os que praticam atos de maldade. Esse sentimento traduz o sentido de identidade, pois reflete um conjunto de valores que resistem ao tempo e às suas transformações.

Não é possível compreender em todas as suas consequências esse vasto, diversificado e complexo etnoconhecimento que se produziu ao longo de séculos anteriores e posteriores à conquista sem considerarmos suas dimensões cosmológicas, rituais, mágicas e simbólicas que habitam o mundo da vida das comunidades, no sentido de que todos esses significados, usos, técnicas e práticas são partes da totalidade cultural desses povos (Pinto, 1992, p. 187).

Essas narrativas, tradicionalmente transmitidas pela oralidade — como o conto de fadas, o conto maravilhoso, o conto de ensinamento, a fábula, a lenda, o mito e os contos de animais — estão a serviço do imaginário humano e se valem, para sua produção, das subjetividades. Segundo Barbosa (2011), ouvir as histórias do Boto e do Curupira e demonstrar ceticismo é desacreditar nas palavras do contador; é duvidar das experiências que muitos afirmam ter vivido nos encontros com esses seres enigmáticos dos rios e das matas.

O interesse, portanto, é tratar dessas literaturas vivas encontradas nos rincões da Amazônia, contadas pelo(a) caboclo(a), com ou sem escolaridade, mas que as narra com maestria — sem se submeter aos ditames científicos das universidades ou às regras que regem a literatura escrita tradicional.

6 ENTRE NARRATIVAS, DIALETOS E VIVÊNCIAS: “CONTE MAIS UM POUCO, POR FAVOR!”

É difícil abarcar todos os saberes culturais amazonenses diante da riqueza que envolve a vida dos habitantes, desde os seres místicos e espíritos das terras, das águas e das florestas, que transmitem lições morais aos ouvintes e são considerados parte real de suas vidas, até o conhecimento das plantas medicinais utilizadas no tratamento de doenças, bem como os saberes relacionados ao cotidiano do amazonense e sua profunda ligação com os rios, as águas, as florestas e a terra.

É nítida a presença do mistério que permeia as relações dos indivíduos com tudo o que envolve a Amazônia e seus segredos guardados pela natureza — mistérios embrenhados na floresta e nas águas, revelados apenas àqueles que buscam compreendê-los e respeitá-los. A manifestação desses saberes ocorre por meio da oralidade: havendo lógica ou não, a força e a determinação em acreditar na veracidade dessas experiências são imensuráveis. Mesmo quando não vivenciadas pessoalmente, as narrativas passam a integrar o repertório coletivo, pois, apenas pelo fato de as pessoas ao redor acreditarem, os saberes, as histórias e os dialetos tornam-se parte das vivências. Como afirma Loureiro (2003, p. 26), “entre o rio e a floresta, a experiência transcendente resulta de experiências vividas”.

O diálogo com os moradores possibilitou a escuta de histórias envolventes, muitas delas engraçadas e lúdicas. Os relatos a seguir retratam narrativas permeadas por crenças e credences religiosas, misticismos e um surpreendente repertório linguístico popular que nos identifica como amazonenses.

Aprendi com a mamãe, quando a criança está cheia e chorona, a mãe faz um banho para a criança, ela pega a planta juquiri e dá banho na criança, isso deixa mais mansa e quando a criança fica se espremendo, mamãe diz que é na lavagem da roupa da criança, quando espreme as roupas do bebê, ele fica se espremendo também, as vezes quando tinha alguma coisa, chamava os laço branco, que são os curandeiros né, eles faziam a pajelança⁵ deles lá, quando o bicho fazia judiação ou era **malino**,⁶ Colocar a **mãe do corpo**⁷ no lugar quando queria chamar alguém de volta, você pegava um pé de cutia, ia pra debaixo da mesa e batia o pé da cutia e chamava o nome da pessoa, fazia lá uma reza, né, aí a pessoa voltava. Papai também fazia umas coisas pra atrair peixe, ele jogava resto de mandioca na água e batia o remo no lado da canoa e os peixe vinham tudo, aí a gente comia bem. Pra criança não comer espinha de peixe, media um fio no pescoço do cachorro e colocava no pescoço da criança, também tinha muito remédio caseiro, banha de boto, de sicurijú, de jibóia, pra curar doença. Mamãe fazia diferente, ela alagava a canoa de propósito e jogava a casa do cupim e palha em cima pra atrair os peixe. Pra caçar o papai pegava o olho do boto tucuxi e dava pro cachorro caçar, dava certo, era moleza porque era tudo **curumin**,⁸ **cunhantã**,⁹ tudo com **piema**¹⁰, a gente fazia isso (*Seu Zacarias, 61 anos, morador da Santa Clara*).

[...] num pode assim matar bicho quando a mulher tá prenha, porque o espírito do bicho vinga na criança, num pode matar bicho quando a mulher tá prenha.[...] (*Dona Lena, 61 anos de idade, moradora da Francesa*).

A gente não tinha condição né, as vezes a comida era só arroz com farinha, a gente ia pro outro lado de casa e pescava, fazia foguinho e quando conseguia, tratava o peixe mesmo sem **jirau**¹¹, fazia **moqueado**¹², nossa comida era tudo dos fruto, pegava e apanhava caju e tirava a castanha, assava e fazia paçoca, isso quando não tava **jururu**¹³, se ficasse ficava sem comer. Quando tinha não muita comida, a gente ficava comendo saúva, tirava a cabeça e fritava o

⁵ Preparado dos pagés.

⁶ ruim, perverso.

⁷ Mal-estar corporal, que produz lassidão, moleza, preguiça.

⁸ Criança, menino.

⁹ Garota.

¹⁰ Preguiça.

¹¹ Armação em madeira, suporte, tablado.

¹² Secado ou assado em folha de bananeira.

¹³ Cabisbaixo, tristonho, abatido.

resto e comia com farinha e quando sentia sede, pegava canoa e ia lá pro largo pegar água, não tinha geladeira e a água do largo era geladinho, enchia tudo os balde e subia pra terra e colocava no tacho e a gente usava o **urucum**¹⁴ na comida (*Dona Lena, 61 anos de idade, moradora da Francesa*).

Ao analisar as narrativas orais, transcritas aqui de modo literal, observa-se o conjunto de dialetos presentes, os quais também nos identificam enquanto sujeitos amazônicos. Como pesquisadora iniciante, nascida em Manaus e criada em Parintins desde os primeiros meses de vida — cujos familiares sempre sustentaram-se como pescadores, farinheiros, caçadores e “puxadores”, muitos ainda residentes em comunidades rurais — foi surpreendente ouvir as falas dos moradores. A experiência revelou-se revigorante para a alma, para a memória e para a ampliação de conhecimentos e aprendizados.

Durante as entrevistas orais, registrou-se uma ocorrência relevante: o constrangimento de alguns participantes, que tentavam se “corrigir” ou “falar certo” por se tratar de uma entrevista vinculada à universidade. Alguns entrevistados chegavam a modificar seus dialetos para se “encaixarem” na linguagem formal. Além disso, houve desistência de moradores que consideravam seus saberes insignificantes, o que suscitou uma reflexão sobre os estereótipos que ainda inferiorizam esses conhecimentos tradicionais.

Segundo Loureiro (1995), as identidades culturais caboclas, assim como ocorre em outras culturas, relacionam-se ao registro de determinadas matrizes de pensamento e comportamento, secularmente preservadas na memória social dos grupos humanos, possuem durabilidade e persistência no tempo. É justamente graças a essa força interior — de origem secular — que os caboclos das cidades ainda conservam traços fundamentais de sua cultura. No entanto, especialmente nas áreas urbanas, embora procurem adaptar-se a novos contextos, “[...] enfrentam os estereótipos a eles conferidos: ignorantes, incapazes de assimilarem os padrões de modernidade que a cidade oferece, sem ambições pessoais, de fala típica e ridícula, interioranos, primitivos, aos quais se adita a omissão dos poderes públicos” (Loureiro, 1995, p. 30-31).

As falas dos entrevistados revelam um pouco do universo dos saberes tradicionais do homem e da mulher amazonense, oriundos de comunidades rurais, com um arcabouço cultural e sensível em diversos aspectos já mencionados neste trabalho. Os moradores que concederam suas vozes, histórias e memórias ainda colocam em prática técnicas e instrumentos tradicionais, mantendo relações de respeito com a terra, a natureza e o meio ambiente, além de transmitirem seus ensinamentos e conhecimentos singulares.

¹⁴ Fruto do urucuzeiro e é usado pelos indígenas para realizar pinturas, além de ser usado no tempero da comida.

Esses protagonistas encontram-se hoje na cidade, mas resistem às transformações impostas pelo tempo, cultivando seus saberes no cotidiano e compartilhando suas narrativas em momentos oportunos. O linguajar característico expressa, de forma notável, nossas identidades caboclas.

Sérgio Augusto Freire, amazonense de Manaus e professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), desenvolve estudos e publicações que são frutos de três paixões entrelaçadas: a paixão pela ciência, pela linguagem e pelo Amazonas. Segundo o autor, a paixão pela ciência manifesta-se porque, por meio da pesquisa científica, descrevemos, explicamos e compreendemos melhor o mundo em que vivemos. Já a paixão pela linguagem decorre do aprendizado contínuo que ela proporciona, pois é ilusório acreditar que a língua portuguesa é única e plenamente inteligível entre todos os seus falantes. Um breve deslocamento basta para ouvirmos outras línguas portuguesas, com outras palavras, outros cantos e outras identidades.

Assim, em sua obra *Amazonês* (Freire, 2017), o autor expressa sua terceira paixão — o amor pelo Amazonas —, que culminou na elaboração do dicionário “Amazonês”, dedicado a registrar e valorizar o modo de falar, sentir e viver do povo amazônico. A exemplo:

- ✓ Apresentado: metido a besta
- ✓ Beira: margem do rio
- ✓ Bodozal: bairro pobre, periferia
- ✓ Boto: cetáceo dos rios amazônicos. Conhecido por lendas que dizem ser o “boto” o responsável pela gravidez de garotas ribeirinhas.
- ✓ Bubuia: ficar sem fazer nada, ficar flutuando na água.
- ✓ Carapanã: pernilongo
- ✓ Chibata: coisa muito boa
- ✓ Dos vera: de verdade
- ✓ Emborcar: virar de ponta cabeça
- ✓ Frescar: encher a paciência, encher o saco
- ✓ Gabolice: orgulho besta
- ✓ Guaramiranga: barco que nunca chegou
- ✓ Malinar: fazer malvadeza
- ✓ Maninho: tratamento carinhoso
- ✓ Pitiú: cheiro. Geralmente associado a peixe
- ✓ Ralhar: dar bronca
- ✓ Ticar: cortar o peixe para quebrar as espinhas; furar alguém numa briga.

Na leitura dessas palavras, aportamos também nossa canoa nos vocabulários ricos em sentidos e expressões do cotidiano. Vinculamos esses saberes às nossas práticas de vida, às nossas convivências, à comunicação humana que mantemos diuturnamente — no “ticar” do peixe, no “ralhar” o menino, ao colocar fumaça para espantar o “carapanã”, no medo do boto e na contemplação das beiras dos rios.

Em síntese, tais registros e análises tiveram como objetivo dar visibilidade às linguagens e aos dialetos amazonenses, às tradições orais expressas de diferentes formas, pois são vozes tecidas e entremeadas de sentimentos, fé, certeza e afeto. Entrelaçadas aos valores, ao sagrado e ao sobrenatural, às experiências e explicações iluminadas pela religiosidade e pelos mitos, essas expressões revelam o modo de ser e viver do povo amazônico. Assim, cultivamos e resguardamos esses saberes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os relatos dos dez moradores da cidade de Parintins (AM) que contribuíram com a pesquisa, constatou-se um amplo acervo de saberes presentes nas narrativas orais entrelaçadas ao cotidiano. Infelizmente, não nos damos conta de que esses saberes estão, aos poucos, se perdendo no tempo. São vozes silenciadas, não escutadas, ou que já partiram; vozes que se calaram diante das mudanças frenéticas da sociedade contemporânea, as quais modificam as relações, as conversas no quintal, as “prosas” na varanda, à beira da mesa ou na frente das casas.

Faz-se, portanto, necessário evidenciar e oportunizar as vozes da experiência, valorizando os diálogos, as falas presentes, as vozes que permitem a compreensão de si e do outro — do que foi no passado e do que é hoje.

As heranças culturais tradicionais, transmitidas por meio das memórias, possibilitam reflexões acerca daquilo que não pode ser plenamente documentado, pois sua riqueza reside nas trocas de experiências entre os sujeitos. Essas trocas são fundamentais, uma vez que o ser humano constrói sua identidade na interação com outros seres humanos, elaborando, assim, sua memória coletiva — aquilo que permanece consigo ao longo do tempo. Por meio das escutas de nossos protagonistas, reviveram-se histórias, vivências e saudades; relembrou-se sensações, cheiros, vozes, modos de vida, fé e crenças.

Nos encontros e diálogos com os moradores, outros membros da família também se faziam presentes. As entrevistas não ocorreram de forma isolada; pelo contrário, constituíram momentos de partilha familiar, em que a memória coletiva se fez viva. Quando havia o esquecimento de uma palavra, episódio ou elemento da narrativa, um familiar presente auxiliava na complementação, reiterando e acrescentando recordações de experiências semelhantes. Como afirma Halbwachs (1968, p. 25),

“certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente em nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior”.

Este trabalho propôs reflexões, registros e valorização das memórias e histórias contidas nos contos de tradição oral em contexto amazonense, alcançando os objetivos propostos e evidenciando a grandeza e a fluidez dos saberes abordados. Os conteúdos produzidos conferem visibilidade ao patrimônio cultural imaterial que emerge da oralidade. Como ressalta Barbosa (2011), a escrita serve para guardar o nosso patrimônio cultural, mas a herança transmitida pela oralidade também pode manter-se viva, ultrapassando barreiras geográficas e preservando o essencial para assegurar o que aconteceu no passado, ainda que transformado pelo tempo.

Assim, vivenciamos e construímos relações baseadas na escuta sensível, no olhar atento, na curiosidade científica e epistemológica, mas, sobretudo, no entusiasmo pelos contos de tradição oral — pela aproximação com os contadores, pela valorização de suas memórias na arte de contar e pela evidenciação das histórias familiares que atravessam gerações.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós modernidade**. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BARBOSA, Joaquin Onésimo Ferreira. **Narrativas orais: performance e memória**. Dissertação de mestrado “Sociedade & Cultura da Amazônia” do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Prefácio. Jeanne Marie Gagnebin. “Walter Benjamin ou a história aberta” *In: Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas v.1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 1. ed., Brasiliense, 1987.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. 3. ed. Manaus: Valer, 2009.
- BOSI, Ecléa. **Memórias e sociedade: lembranças de velhos**. 14 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. 8. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis, RJ: 2003.
- COSTA, Nádia Pinheiro da. *et al.* **Contação de história: tecnologia cuidativa na educação permanente para o envelhecimento ativo**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 69, n. 6, p. 1132-1139, nov./dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0390>. Acesso em: 14 jun. 2023.
- CHAUÍ, Marilena. **A atitude científica**. Convite à filosofia. 8. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Nevez. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. 2003.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FREIRE, Sérgio. **Amazonês – expressões e termos usados no Amazonas**. 2.ed. Amazonas: Valer, 2017.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 1968.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 1997.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Tradução de Antonio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.

LOUREIRO, Paes. Meditação e devaneio: entre o rio e a floresta. **Revista Somanlu**, 2003.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

NASCIMENTO, Adriano Roberto; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. **Memorandum**, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, 2005.

PINTO, Renan Freitas. Etnoconhecimento e Etnociência. *In*: CATTANI, Antônio David; PORRO, Antônio. **O Povo das águas**: Ensaio de etno-história Amazônica. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992.

SERRES, Michel. **Hominescências**: o começo de uma outra humanidade? Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SMITH, Vivian Hamann; SPERB, Tânia Mara. A construção do sujeito narrador: pensamento discursivo na etapa personalista. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 553-562, set./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413>. Acesso em: 12 abr. 2023.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, florestas e águas de trabalho**: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007 (Série: Amazônia: a terra e o homem).